

A Linguagem do Cinema – Série II
Entrevista com Edgard Navarro
O canto do Sabiá

(Edgard)

- Dois passarinhos, dominé.
- Caíram no laço, dominé.
- Dá um beijinho, dominé.
- Dá outro abraço, dominé.

Aí continua, mas eu não lembro, e aí eu tava ouvindo outro dia e percebi que foi dessa célula do sabiá que o cara fez essa cançãozinha infantil, porque a sabiá ela fala (assovio), o cara pegou isso: "Dois passarinhos, dominé". Aí foi: "Caiu no laço, dominé." Aí fazia o gesto. Então:

- Dá um beijinho, dominé.
- Dá outro abraço.
- Escolhe outro, dominé.
- Para ser seu par, dominé.

Era uma coisa de acasalamento também, um ensaio de uma... de um namoro, de uma coisa. Eu não era um menino normal, assim, quando eu era menino, desde criança eu fui colocado pra aprender piano, acordeon, recitar poemas, então eu tinha esse lado artístico que meu pai incentivava, e minha mãe também. Com o pouco dinheiro que ele me dava, que era mais pra merenda, mas eu economiza na merenda pra ir ver filme, no Jandaia, no Aliança, no Pax, é... ali no Tupi também, que já tinha sido inaugurado, no Guarani, Tamôio, Excelsior, Capri, Liceu, era o cinema de Salvador.

Eu tinha visto o primeiro filme de cinema de arte é... que foi, foram dois filmes: "Deus e o Diabo na Terra do Sol" e "Oito e Meio". Ambos os filmes soaram muito, eu tinha 14 anos, e os filmes soaram muito estranhos pra mim, isso aqui é um cinema diferente, eu não entendo direito, eu sei que é muito interessante, mas eu não consigo apreender. Era estranho, era assim, monótono, era uma coisa que eu tinha que espremer o juízo pra entender aqueles filmes. Cinema de Arte.

Assisti no Cinema de Arte, eu fui ver o Meteorango Kid. E Meteorango Kid me deu uma dimensão enorme do que era o cinema em outro, com outra coisa, porque era minha cidade que tava ali.

(Trecho de filme)

- Ele usa sabão baiano, o sabão dos grandes astros.

(Edgard Navarro) Eu tinha visto o "Pagador de Promessas" que era na minha cidade também, "A Grande Feira" e tal, e isso já me encantou: "Poxa, um cinema, o Redenção". Eu ouvia falar dos filmes sendo feitos na Bahia, uma grande coisa, e... quando eu fui ver o Meteorango, além de ser na minha cidade, falava de um jovem que tinha a minha idade e que tava numa insatisfação com o mundo numa atitude irreverente, pirracenta, iconoclasta, transgressora, que me interessava sobre a maneira.

(Trecho de filme)

(Edgard Navarro) Ali eu me identifiquei completamente, eu disse: "Se esse cara fez um filme aqui na Bahia e ele tem quase a minha idade, um dia talvez eu possa fazer cinema também." Ficou plantado ali naquele momento em que eu vi Meteorango, eu saí do cinema absolutamente é... instigado.

Quem trouxe isso muito pra perto de mim, pra junto de mim foi o Fernando Belens, porque ele tinha uma câmerinha Super-8, e ele mostrou filmes no reboco da parede assim, debaixo da janela, ele mostrou filmes, a gente sentado aqui numa distância ali absolutamente nenhuma, ele mostrou filmes feitos por ele. Filmes estranhos, filmes conceituais, filmes intelectuais, eu já tinha 25 anos, então.

Quando eu comprei a câmera eu saí filmando pelo meio da rua de uma forma completamente atabalhoada, girando a câmera achando que... Quando eu, eu via uma fachada de uma igreja e eu achava que se eu fizesse isso eu estava filmando a fachada da igreja. Então, eu não estava perdendo nenhum plano. Depois eu aprendi que é melhor você dar uma paradinha, enquadrar a fachada e dar um tempo, depois você corta o tempo, mas você dá um tempo maior pras pessoas poderem ver a fachada. Quer algum detalhe? Você se aproxima mais e filma o detalhe. Tudo isso com o tripé, com paciência. Eu não, eu queria era câmera na mão. Eu não tinha tripé. Os cinco primeiros filmes que eu fiz em Super-8, que foi de 1976 a 1981, todos os filmes que eu fiz em Super-8 foram sem tripé.

Na noite em que eu comprei a câmera eu já comecei a viajar nos cogumelos, nos pastos, nessa viagem que já tinha sido trazida pelas histórias do Castañeda e tal, nas leituras, magia.

Então, quando eu comecei lá em... o Alice, "Alice no País das Mil Novilhas". Eu tava muito impressionado com a experiência psicodélica, e tava lendo um livro de Chico Buarque que era uma novela pecuária chamada "Fazenda Modelo". Ele tratava o país como um pasto - uma fazenda onde havia capatazes e havia os bois. E nós éramos os bois.

Eu tinha uma cena no livro do Lewis Carroll, que era um pequeno poema que ele brinca o tempo todo com o *nonsense*, e o poema era esse: "Você está velho meu pai, com o

cabelinho todo branco e ainda dando tantas cambalhotas. O senhor acha isso direito? Seja franco.”

(Trecho de filme)

- O Senhor está velho meu pai, com o cabelinho todo branco, e ainda dando tantas cambalhotas.
- O senhor acha isso direito? Seja franco.

(Edgard Navarro) Eu levei meu pai para o pasto desta novilha, e fiz ele dar umas cambalhotas. Ele conseguiu dar duas cambalhotas e ficou com uma dor aqui. Eu fiquei arrependido depois, mas depois ele se recuperou. Ainda bem que ele não teve uma lesão mais grave, nem nada.

Eu não pensava nas consequências, às vezes antes de muitos gestos. Então, ele podia ter tido uma lesão grave na coluna, mas o que interessava pra mim era filmar, era o momento, era aquela assanha, eu tava assanhadíssimo, e muito alimentado por um combustível que dava essa coisa que era a maconha. Eu não media nenhum grau de... Eu era um temerário. Então, era uma espécie também de vendeta, vingança com meu pai. Assim, uma vingança brincalhona, ao meu estilo, que eu tô querendo sempre terminar tudo. Eu não quero terminar em porrada, porque eu tenho medo de porrada. Eu não quero guerra. A minha guerra é com cocô, jogando cocô nos militares.

“O Rei de Cagaço” que é um filme que é... eu vejo bem hoje que era toda minha porção irreverente, minha porção de provocação e de ódio também. De um ódio profundo a todos os ícones, né? É de uma iconoclastia enorme, mas ao mesmo tempo de um grande humor.

Iconoclastia - as pessoas não sabem de riem, ou se ficam nervosas, ficam... é desagradável. Se o cinema tivesse cheiro ninguém iria conseguir ver aquele filme, tem gente que não quer olhar pra tela. Então, eu sabia que eu tava mexendo num vespeiro, em uma coisa extraordinária. Eu tinha uma certeza, quando eu tive a ideia sobre o filme, que o título veio – O Rei de Cagaço. Eu tinha uma pepita enorme na mão, e tava construindo em torno daquela imagem.

O filme se passa ali, naquela primeira imagem, o resto é como se fosse uma colcha de retalhos, de coisas, que eu meio que brinco sem saber direito o que é que eu estou fazendo, o que eu estava experimentando. Inclusive, o filme brinca com essa coisa do "Um Filme Excremental.”

(Trecho de filme)

- Eu sou Golias, eu sou Davi.

- Eles chamam de comportamento anal sábito.
- Eu sou o Batman.

(Edgard Navarro) O "Exposed" ele vem a partir da imagem do canhão que eu na Praça de Recife, Praça Treze de Maio, tinha um canhão em riste. E eu vi esse canhão e eu fiquei fascinado pelo canhão. Eu filmei o canhão de todos os ângulos, e aquilo é um pênis ereto. E era um fascínio meu por um signo da brutalidade, da guerra, da estupidez, da ditadura.

Eu gastei o rolinho todo filmando aquele pênis e lambendo aquele pênis com a câmera. Isso aqui tem coisa. Foi a imagem fundamental desse filme. Aí enquanto eu tava fazendo esse filme, que se fez a partir dessa imagem fundamental, eu aí criei uma dramaturgia em torno, porque lendo Freud eu tava lidando com exibicionismo, e o quê que eu penso aí? Eu digo: "Eu vou trabalhar com caso patológico do exibicionista e paralelamente o exibicionismo do militar. E eu vou mostrar como eles também não têm muita segurança em relação a sua própria virilidade. Eles são inseguros." Então, assim eu achava que tava dando, e dei mesmo uma porrada num nível que passava pela censura tranquilamente. Porque isso é coisa de maluco. Isso aqui eu não entendia muito bem, mas enfim, eu consegui ai terminar uma trilogia, que é uma trilogia freudiana, que eu só descobri que era uma trilogia freudiana depois de ter feito os três - eu vi que a Alice era oral, do cogumelo, do comer cogumelo, que também é uma... o nome é Amanita Phalloides que tem a coisa do falo, né? Oral, o anal e o fálico, que é a coisa do poder, do dinheiro. Então, matou essa trilogia. O que viria depois era uma coisa que aí quando eu conheço o Fernando mais de perto, Pola e Araripe. É quando eu saio do meu umbigo e eu vi a importância do grupo, de como a gente ficava mais forte, de como meus problemas ficavam menores quando eu dividia, quando eu confessava pra eles e enfim, comecei a entender a amizade, no seu sentindo mais profundo e maduro. E ali eu fui fazer o "Lin e Katazan", do Fazenda Modelo, que é um filme político, e é um filme externo ao meu imaginário, né? Assim, porque a ideia de Chico Buarque é uma interpretação livre de filme, mas é um texto de Chico.

(Trecho de Filme)

- Havia também uns meninos que se mantinham aparentemente alheios ao movimento. Era o caso de Lin. Não que se manifestasse abertamente contra alguma coisa, isso não. Até que acatava as instruções e comia na hora certa. Mas nas horas vagas, Lin gostava dos seus cachos, gostava de se cheirar as axilas, sem se explicar o porquê, Katazan não gostava da postura de Lin. Não sabia por que, mas implicava com aquele jeito assim. Então, fazia o trabalhar, e trabalhar puxado.

(Edgard Navarro) Depois viria um documentário chamado "Na Bahia Ninguém Fica em Pé" que é um filme coletivo, eu, Araripe, Pola e Fernando também tava. Nos unimos nesse grupo que fez um documentário sobre o cinema baiano. Então, eu tava saindo dessa casca, desse

ego. Eu tava de alguma forma superando esse ego, aos poucos, muito aos poucos. Eu vou então depois fazer o filme em 35 milímetros.

Eu li o livro do Emiliano e eu fiquei fascinado pela personagem. Ao mesmo tempo era um fascínio e assim um respeito extremo, e assim, um sentimento de inferioridade: "Porque eu não participei de tudo isso?" Eu tava ocupado com minhas equações neuróticas, com minha neurose, com minha, com meu ego, com a minha doença, como eu era....e ensimesmado. Como eu era doente afinal, enfim. O Lamarca chegou nesse momento. Eu tive um tremendo sentimento de inferioridade, mas ao mesmo tempo eu disse: "Eu vou fazer alguma coisa. Eu vou fazer um filme contando a coragem desse homem, essa coragem que eu não tive". Eu tinha a idade do Lamarca, eu fui confundido com o Lamarca quando eu fui fazer a pesquisa no local, porque eu era muito parecido com ele, as pessoas diziam. Eu tinha os 33 anos que Lamarca morreu, que Cristo morreu. Eu sempre entro em viagens que tem links, que são paranóides, e isso ajuda a fecundar a criação. Lamarca, Lampião, são ciclos. E o outro é o beatismo. Beatismo que chama?

Então, eu vou fazer isso, eu vou fazer assim, o Castaneda dizia pra mim essa coisa do guerreiro, e tal, o caminho do guerreiro. E eu inventei essa coisa de que um vem preparar o outro.

(Trecho de filme)

- Eu sei como é.
- Cada um vem preparar o outro.
- Conselheiro que me preparou.
- Vosmecê tá vendo ele?
- Então, Capitão, se vire pro lado daquilo que vosmecê mais gosta nesse mundo.
- Se vire e se despeça do seu afeto.
- Fecha os olhos pra tudo isso que vos você nunca mais vai ver.

(Edgard Navarro) O Dom Juan falando pro Castañeda: "Deixa tudo que você gosta demais, de tudo da sua vida, de seu afeto, se despeça porque você nunca mais vai ver isso. Olhe pro lado daquilo, e se despeça. E depois você salta, e quando você saltar, você tem que passar por dentro daquela porta, e aí quando você passar, eles vão pegar a cabeça do seu corpo. Eles cortaram a cabeça de meu corpo, mas eu já tinha passado, então, não tem problema. Mas você tem que passar, pegar o outro lado de lá, com espírito".

(Trecho de Filme)

- Vosmecê vai ser soldado de novo.
- Sempre.
- Vai alertar como conselheiro.

- Vai adentrar as lutas.
- Vosmecê vai ser ?
- Mas tem que passar pelo ?
- Cortar.
- Cê corta.
- Vão bora capitão!
- Vão bora capitão!

Então, uma falange do Terço, do Rosário, que Glauber fala no Diabo na Terra do Sol: "Não é com Rosário, é com o fuzil."

(Trecho Filme)

- Che Guevara.
- É Darcy.
- É Lavequia.
- É Mariane.
- Edmauro
- É Bacuri.
- E é Zé Carlos.
- É Antuniel.
- É Santa Bárbara.
- É Oderico.
- E é Iara.
- E é Zequinha.
- Não, capitão!
- Os homens estão aí.

(Edgard Navarro) Então, pra mim se acendeu. O circuito fechou e disse: "Você teve uma grande ideia." Essa ideia é imbatível. Essa coisa do gênio, aquela hora que eu digo assim: "Pim! Gênio!" Ideia de gênio. Isso aqui é imbatível. Ninguém pode derrubar. Eu tirei em primeiro lugar no concurso. Porque é auto-evidente, não é meu, isso aí...Eu me senti manobrado pelas forças ocultas, o caralho que seja... Eu sei que essas coisas são, são... Estão aí no ar e quando elas caem em mim, é como se fosse um cabra marcado pra fazer. É você que tem que fazer isso. E quando cai, cai aquilo na minha mão, que eu olho e eu sei quanta dor e quanta delícia isso determina. Aí eu ganhei assim, abriu-se mais um espaço pra mim, abriu muito mais. Logo em seguida a Embrafilme que financiou o "Lin e Katazan" já, não em Super-8, mas a outra bitola.

(Trecho Filme)

- Brigar por quê?
- Katazan não gostava da postura de Lin.
- Não sabia por que, mas implicava com àquele jeito assim.
- Então, o fazia trabalhar.
- E trabalhar puxado.

(Edgard Navarro) Eu fiz aquele filme com uma mão nas costas, e aquilo me deu força, me deu grana pra eu construir essa casa, aos poucos, não foi é... Eu comecei a construir a casa com a grana que eu ganhei em Brasília, e depois no ano seguinte eu ganhei de novo Brasília - Melhor Filme, 1985 e 1986, com Lin e Katazan.

(Trecho Filme)

- Mas acontece que Katazan sabia que Lin inventara outro sistema.
- E naquele sistema idiota, talvez Lin pensava que era superior a Katazan.
- Talvez nem existisse Katazan naquele sistema absurdo.
- E katazan não aguentava mais aquilo.
- E matou Lin.

(Edgard Navarro) Então, meu pai nessa hora disse pra mim: "Rapaz, não é que deu certo. Eu só acreditava no pão-pão, queijo-queijo. E não é que deu certo. Esse rapaz disse que ia fazer cinema. Ó ele ganhando dinheiro com cinema." Ele não imaginava que eu ia ganhar tipo assim uns 40 mil reais, na época, ou 50 mil, por aí. É o que se ganha pelo prêmio de melhor filme, 20 mil, por aí. Eu ganhei duas vezes seguidas. E ele aí passou a me admirar de fato: "Tá ganhando dinheiro, então o negócio presta. O negócio tá dando certo." E foi assim um selo de nossa...Ele já tava perto de morrer. Ele morreu em 1987, isso era 1986.

(Trecho de filme)

- Acordaaaaa humanidadeeeeeee.
- Acorda humanidadeeeeeeee.
- Quiquizofrênico.
- Quiquizofrênico.
- Quiquizofrênico.
- Quiquizofrênico.
- Quiquizofrênico.
- Quiquizofrênico.
- Quiquizofrênico?
- Quiquizofrênico é a puta que pariu.
- Quiquizofrênico é a puta que pariu.

- Tá me entendendo?
- É a puta que pariu.

(Edgard Navarro) Retomei alguns temas do “Superoutro” com aquela forma anárquica que filmar que eu acho também muito interessante, mas com um apuro de linguagem refinado, que eu já tinha adquirido ao longo desse tempo. A primeira imagem do fazer o filme, da ideia sobre o filme, foi quando eu assisti o Super-Homem, do Christopher Reeve.

(Trecho de filme)

- O pássaro da eternidade.

(Edgard Navarro) E até o fato dele se chamar super-herói tem essa confusão com Super-8, tem também a ver com isso. Tem a ver com Nietzsche. Tem a ver com Super-Homem. Tem a ver com Cinema Americano, e tem a ver com Super-8. E tem a ver principalmente com o Superoutro, que é esse outro que vai dar chave no final da compreensão do título.

(Trecho de Filme)

- O povo, o povo é como a barca em plena vaga.
- A tirania é o tremedal das placas, o por vir, a amplidão.
- Homem, esta luvada que rebenta é o furor da mais nóbre tormenta, urge a revolução.
- E vós cruzais os braços, covardia, e murmurais. Confere a hipocrisia.
- É preciso esperar.
- Esperar, mas o quê?
- Que a populaça, esse vento que todos despedaça venha vir nos cavar?
- Brasileiros e brasileiras, o Brasil espera que cada um cumpra com o seu dever.
- E o meu dever é voar.
- Abaixo a gravidadeeeeeeee.
- - Me larga seu XXXX.
- Me larga.
- Deixa eu cumprir o meu destino.
-

(Edgard Navarro) Porque até então, por que é Superoutro? Você não sabe. Você só sabe quando ele recebe uma cacetada na cabeça e ele sofre o tal split esquizofrênico, né? Eu aprendi isso com o David Cooper, é... aquele anti-psiquiatra. Um livro que ele tem fala dos discursos esquizofrênicos, ele fala que, não se foi ele ou se foi o Ronald Laing, foi um desses malucos, é... que quando a esquizofrenia chega num momento em que ela sofre um, é como

banana split, né? Split, split é corte. É o cortar ao meio. É abrir em bandas. E eu me apropriei dessa ideia para forjar essa situação dramática em que o homem no limite, em que ele vai se jogar, e se joga, porque pela vontade dele ele teria ido, só que quando ele volta ele não é super-coisa nenhuma. Ele é um mendigo maluco. Ele se vê como Super-Homem fora de si.

“Vocês me levam preso, levam meu corpo pra onde vocês quiserem.” É uma coisa também que tem a ver com Lampião. “Corte a cabeça do meu corpo, mas eu já tinha passado.” E ele sorria, era um sorriso de vitória. Quer dizer, é um estado que eu almejo, que eu desejo, que eu invejo, eu... A minha maior inveja é a inveja do Superoutro, porque eu gostaria de ser grande como ele, mas não sou. Eu sou um tigre de papel, um ratinho medroso atrás de uma... de um cenário, entendeu? De um tigre mesmo, e é... alimenta a esperança de um dia alcançar esse voo. De uma forma simbólica ou não, o Abaixo a Gravidade não é outra coisa senão o último roteiro que eu tô escrevendo, é esse desejo de vencer a morte, vencer a doença, vencer a desgraça, vencer a gravidade do qual fala Nietzsche, o espírito de gravidade, àquele que joga tudo pra baixo, a tristeza, o pensador, esse pensador, né? A antítese desse pensador é esse homem que abre os braços e olha pra ausência com complexo, né? Se você puder ver o rosto dele, é que assim você não vê o rosto dele, mas o rosto dele: "Putá que pariu." É perplexidade do infinito, das estrelas, esse é o verdadeiro abismo.

(Trecho de filme)

- Acordaaa humanidadee!

(Edgard Navarro) Eu me considerava, nessa altura, a palavra é essa: eu me considerava um gênio. Mas eu depois eu compreendi o que é isso, se considerar um gênio, é aquilo que todos os seres humanos têm; um gênio preso na garrafa, tem algo de gênio, de anjo, que poder ser liberto, digamos assim. Até de uma forma evangélica você pode entender isso - acorda, quer dizer desperta. Saia daí de dentro Lázaro. Sai dessa morte em vida. Venha para fora. Veja a luz. Veja a luz, não a luz material. A luz do sol, a luz do espírito. Quem tem sede dessa luz do espírito, tem gênio criativo. E era isso que eu tinha. Não era questão de ser um gênio, era de ter gênio criativo. Na própria palavra gênio, vem a coisa do... gen? Gênese, da criação. Então, eu era um criador. Isso ninguém tirava de mim. E eu pirraçava um pouco com as pessoas, porque elas vinham a mim, eu não vou citar nomes, mas veio uns colegas mais antigos que vieram assim: "Então, quer dizer que você se considera um gênio, né?". E eu disse comigo: "Eu sou um gênio." Eu não pestanejava, mas eu fazia aquilo meio pra pirraçar mesmo, porque eu já tinha ouvido dizer que quando você quer acabar com o seu ego, e eu queria acabar com o meu ego, era uma estratégia até "Castaneda", "Don Juan", de acabar com o ego, dinamitando ele completamente, destruindo ele. Era você se submetendo a situações extremas de ridículo. Eu não podia inventar. Eu submeti algumas situações extremas, uma delas foi ficar nu em público, né? E gritando, fazendo gestos e

mostrando o cu, mostrando o pau, dizendo absurdos e tal. Nem me lembro direito o que era, o que eu fazia, o que eu falava, e com um ódio profundo no coração, àquilo era um suicídio ao mesmo tempo, era um...Era desistir de mim mesmo. Desistir de pessoas na sociedade, porque todos iriam cobrar isso de mim, e eu estava cagando solenemente pra todo mundo, porque eu achava que ali adiante um ônibus ia me atropelar, que eu não ia sobreviver aos 30 anos, entendeu? E eu desejava essa morte. Eu queria morrer cedo, porque eu sentia ou pressentia que a minha vida não ia ser nada fácil, o que vinha pela frente era terrível de enfrentar, e eu realmente enfrentei tudo isso. Devo a minha vida ao cinema, porque tudo que eu fiz então virou um achar solução. Achar derivativos, que eu acho que são derivativos dessa equação maluca que eu ainda estou tentando demonstrar. No final talvez eu consiga, mas eu não tenho certeza. E é importante que eu não tenha certeza.

(Geraldo Sarno) E isso não para.

(Edgard Navarro) E, é... não, não é nada de... não para também. É que se você tiver certeza você perde o mérito também. Tem um mérito envolvido nessa história. Eu sou um místico. Eu sou na verdade essa coisa do mago, porque eu sabia que eu tava fazendo a arte pra plateia, para vender, para ter um nome, para poder sobreviver, sustentar o corpo. Mas o meu grande anelo era superar. Superoutro também tem essa conotação; Superar, Super-Homem, de Nietzsche. Tem a conotação de superação da dor, da miséria e da superação no sentido de me tornar imune a morte, de modo que quando ela vier eu vou abraçá-la como uma linda ninfa nua. Eu vou me enamorar dela. Ela é uma superação do ego. E nessa superação do ego, eu fazia coisa do tipo: "Eu sou gênio." Era uma forma de expor o ego, porque esse cara que é meu companheiro de... ele vai espalhar por aí: "Ah, Edgard se acha um gênio. Edgard diz que é gênio." É ter uma coragem temerária, eu acho, de se expor completamente. Eu tinha assim: O que eu vou procurar agora? Não, na época eu dizia assim: "Eu agora vou procurar o que é que eu vou dizer que vai ser o escândalo." Mas eu já tinha visto André Breton, disse que o escândalo, nada mais causava escândalo. Isso já em 1920 e poucos, nada mais podia que causasse escândalo. Eu vim ver que não. De alguma forma, o novo sempre existe e eu causei alguns escândalos, mas não era minha vocação. Eu não queria fazer esses escândalos para perdição do mundo, do homem. Era para sacudir o homem, era acordar o homem: "Acorda humanidade." Era pra me acordar também, acordando ele. Era pra me dar tapa na cara, gritando: "Edgard. Acorda Edgard. Para com isso. Cresce e destrói essa casca de concreto, essa casca de ovo. Vira um passarinho, aprende a voar. Quer dizer, se joga Edgard. Aprende a se jogar sem o copo pra não matar o corpo." Porque eu ficava naquela: "Ah, assim é fácil." Quando eu fumava às vezes, ou tomava alguma droga que me induzia ao suicídio e sempre acontecia, muitas vezes aconteceu isso - eu me segurava, me segurava muito pra não me jogar de um prédio. Mas ao mesmo tempo tinha duas coisas, tinha dois demônios que falavam, era assim: "Vai lá, você não disse que não se pode viver sem fé? Então, tenha fé. Se você tiver fé você não vai cair lá embaixo. Virão anjos que vão te..." Isso eu boto no texto porque é evangelho, no texto do Superoutro, mas não era assim que ele me dizia. Era Castañeda, era: "Se você cair,

você no meio da queda, você vai transformar o mundo e aquilo não vai ser o chão que vai destruir o seu corpo. Você vai sair do corpo da hora H. Ou então com o próprio corpo você vai voar, porque isso existe." Isso é um fenômeno de obliquidade, sei lá de que porra era, tinha várias teorias sobre, várias coisas, que eram desdobramento astral, do corpo, do não sei o que....Umas teorias que misturavam uma coisa de misticismo caro e barato, e eu estava nesse vórtex de ideias e de sentimentos sobre a libertação do ser, e um que me facilitou algumas coisa. Nietzsche falava, Kardec, Allan Kardec me deu é... algumas dicas sobre tudo isso, tudo isso tava envolvido ali, naquele momento, mas eu não me jogava, não me jogava por quê? Eu sempre dizia assim: "Não, tá certo. Então, eu vou viver sem fé." E aí o diabo me desmascarava, tem a segunda, e aí o diabo me desmascarava, porque ele dizia assim: "Você não tem fé. Você não merece viver. Então, se eu fosse você, eu me jogava de qualquer forma."

Então, sempre era uma equação que eu digo que, aquela que Gil fala dos retiros espirituais, que tem dois lados; que gente maluca tem que resolver essa é a equação. Se você se jogar você resolve, se você não se jogar você não resolve, ou não resolve de qualquer jeito. Se você se jogar não se resolve de nada. Era uma coisa assim, era uma situação matemática impossível. Como estudei matemática e física, eu sabia que infinito... sobre infinito é um símbolo absurdo. Não existe isso. Só existe no querer matemático. É como você pensar na hipótese do infinito, do absurdo, do impossível. Era assim, a equação é impossível. E a minha equação se colocava pra mim como impossível, quer dizer, o meu teorema se colocava pra mim como impossível.

(Trecho de filme)

- Brasileiros e brasileiras, o Brasil espera que cada um cumpra com o seu dever, e o meu dever é voar.
- Abaixo a gravidadeeeee!
- Chame seus companheiros pelo nome capitão.
- Chame seus companheiros pelo nome e venha correndo atrás.
- Vamos curtir. Vamos brincar. Alegria, a prova dos nove.
- Subtenente foi tomado por uma onda de profunda paixão.
- Uma onda que se alastrou em meu peito, e parecia querer abarcar o mundo inteiro.

(Edgard Navarro) Depois do Superoutro, como ele ganhou os prêmios e eu ganhei uma notoriedade que eu não tinha antes. O filme foi falado bem por Caetano Veloso. Foi colocado na música que ele, que o Caetano e Gil fizeram, chamado Cinema Novo, e o filme ficou requisitado pra aqui e pra ali. Eu fiquei requisitado também, e eu achei, naquele momento, que era o final da década de 80, que a minha carreira iria decolar. Eu ainda sonhava com a minha carreira, possível, do ponto de vista da sobrevivência, de poder viver de cinema.

E eu então saquei essa história. Eu vou contar a história tão pessoal, tão íntima, que ela vai ser universal. Eu não tinha lidado com uma estrutura tão empresarial como aquela, mas era um desafio. Era um grande desafio. Eu quis ter esse olhar inocente, desarmado, que tem a criança do cartaz, que sou eu mesmo quando tinha 2 anos e meio.

(Trecho de filme)

- Guilherme.
- Ham?
- Venha ver o que seu filho tá dizendo aqui.
- O que é mulher?

(Edgard Navarro) A primeira cena do filme, ela já conta de uma primeira surra que eu levei, porque eu xinguei a minha mãe.

(Trecho de filme)

- O que foi que você disse?
- Puta.
- Onde foi que você aprendeu isso, moleque?

(Edgard Navarro) E eu apanho e urino de dor, de medo, de pânico. E naquele momento se desfez a minha inocência.

(Trecho de filme)

- Chega homem, ele não vai fazer mais isso.

(Edgard Navarro) E depois ele passar a pensar por cima mesmo. E é quando ele começa a pensar por si mesmo que o filme termina. É quando o homem se torna adulto, ele tira o cabaço da cabeça com a maconha, porque quando estão numa conversa final, os três amigos, dizendo: "O que você vai fazer da vida?"

(Trecho de filme)

- Eu queria aprender guitarra, mas depois eu vejo. Pra livrar uma grana eu vou ter mesmo é que dar umas aulas de ioga, ou então eu vou ter que vender sanduíche natural na praia.
- Eu vou pra chapada. Lá tem uma comunidade. A aranha vive do que tece.

(Edgard Navarro) Naquela encruzilhada do tempo, ali naquele pasto, onde foram comer cogumelos e fumar maconha, eu disse: "Eu não sei o que vou fazer." Enquanto o outro disse que saberia mais ou menos o que poderia fazer da vida; vender sanduíche na praia. O outro vai, sei lá, vai... os outros tinham pegado em armas, tinham feito a guerrilha, né?

(Trecho de filme)

- É Getúlio que ta ali ó.
- Você tá armando Getúlio?
- É rotina na organização. Para uma emergência. A gente nunca sabe, né? Mas eu não pretendo usar não, pelo menos por enquanto. Fique frio.

(Edgard Navarro) Nós estávamos ali no pasto querendo saber pra onde ir agora, e eu disse: "Eu acho que eu vou comprar um Super- 8."

(Trecho de filme)

- Eu estou pensando em comprar uma Super-8.
- Você viaja mesmo nessa mesmo de artista, né rapaz? É bom, quando dá certo.

(Edgard Navarro) E aí vem uma frase que eu acho também que é fundamental, que é assim: "Mas você continua com esse negócio de fazer a arte, de ser artista, mas esse negócio é bom quando da certo, mas você não muda, sei lá. Mas você não perde por esperar. Ah, não pense que a arte vai livrar a sua cara não, velho, mais cedo ou mais tarde você vai se bater com a esfinge."

(Trecho de filme)

- Mas não pense que fazer arte vai livrar sua cara não. Mais cedo ou mais tarde você vai encontrar a esfinge.
- Pelo amor de Deus.

(Edgard Navarro) E numa noite muito especial, eu recebi um recado de Djavan, através de uma música, chamada "Milagreiro". E a música, o recado é quem quiser pode ir conhecer a letra da música, é linda, e fala de um amor não correspondido, de que a mulher vai embora e o cara aluou, ficou doído e tal. Mas no processo ele vira um santeiro. E nesse processo o que é dito pra ele no final, e que estava sendo dito pra mim era o seguinte: "Mais um santo pra esculpir é o que lhe vale, pra evitar teu rancor, suas ervas espalhe." Eu entendi naquele

momento supremo que eu tava recebendo enfim as últimas palavras pra que eu não brincasse mais em serviço. Eu esquecesse qualquer comédia. Eu esquecesse qualquer profissão, carreira, dinheiro, qualquer coisa, e cuidasse do único tesouro que importava que era o tesouro da minha alma, da luz do espírito, que era a verdade, era a redenção, era novamente voltar àquela criança que eu busquei no "Eu Me Lembro". Não perca mais tempo, isso me segurou por aqui e disse assim: "Agora toma consciência disso rapaz, olha essa frase, esfrega ela na sua cara - Mais um santo pra esculpir é o que lhe vale. Mais um filme realizar é o que lhe vale, para evitar que o rancor suas ervas espalhe. Você é um santeiro. Você é um homem que não deve procurar tesouro na terra. Você é um andarilho." Veio tudo de uma vez, eu não dormi a noite toda. No outro dia eu tirei todos os arquivos que estavam do "Eu Pecador", peguei todos do "O Homem Que Não Dormia", Silvia disse: "Como?" A produtora, dona da produtora da Truque, que fez o "Eu Me Lembro", e que trabalha comigo, querida, há muitos anos... "Você não vai mais fazer O Pecador? Mas tá tudo pronto, orçamento, tudo escrito aqui, análise técnica." E eu falei: "Vou não. Você me desculpe, mas a gente vai correr pra escrever um projeto que tem que ser inscrito. Eu não tenho escolha. Eu sou o trabalhador braçal a serviço de forças ocultas." Isso são palavras de Bispo do Rosário. Eu disse pra ela: "Eu agora não me mando mais. Eu agora sou um trabalhador braçal de serviços de forças ocultas." E eu comecei, Seu Geraldo, a ser domado, dominado e penetrado e inculcado por forças, por vozes, por coisas que falavam comigo. Eu tive um surto psicótico que não chegou às raias do internamento porque eu tenho a arte. Eu sou um Santeiro. Eu quase enlouqueço com esse processo. Todos os ícones desse mundo esotérico, eles vieram pra me assombrar e para me ilustrar, e eu achava que estava fazendo uma coisa genial, maravilhosa, e eu tava lá escrevendo. Eu, às vezes, ficava de noite, no meio da noite com uma lanterninha pra acender, porque a qualquer momento poderia vir uma inspiração daquela, e eu não podia perder tempo, eu tinha que ligar a lanterna, pegar o caderno e escrever. As palavras vinham, os diálogos vinham, o Espírito Santo falava comigo. Depois eu fui ver que eu tava tomando um remédio de corticoide pra salvar uma vista minha que tava com problema no fundo do olho, e esse remédio, entre os efeitos colaterais dele, dizia àquelas letrinhas pequenas, dizia que entre os efeitos, vários efeitos colaterais, é possível que surja surtos psicóticos em pessoas que já tem uma pré-disposição para tal. Isso eu soube um ano depois, eu falei: "Meu Deus, isso era efeito do remédio." Mas de uma forma, quer dizer, os Deuses aprontaram pra mim, e eu gosto de pensar, e falar dessa forma, porque é a minha mitologia. É a minha lenda pessoal. Então, respeito muito minhas lágrimas, e ainda mais a minha risada. Então, eu gosto de acreditar que os deuses, que os erês, os exus, os orixás, os meninos, brincaram comigo e me enrolando no xale da doida pra eu não ficar louco, senão eu teria ficado louco. Mas a forma que eles colocaram foi dando esse remédio pra curar outra doença, e pra poderem falar comigo diretamente, e eu ter verdadeiramente os surtos psicóticos que eu tive; audiovisuais. Eu tinha os surtos, eram audiovisuais - e eu escrevia. Quando eu me dei conta disso, eu disse: "Esse filme vai me salvar. Esse filme é o meu tesouro. É o diamante. Eu vou correndo colocar ele na tela do Teatro Castro Alves."

(Trecho de filme)

- Mas será que vosmicê existe mesmo?
- Existe? Pois eu quero a prova.
- Vosmicê me lasca agora mesmo um raio, se não vou me entregar pra Lúcifer. Porque esse eu sei que existe. A prova está aqui na minha desgraça.
- Desgraça.
- Eu juro, peçonhento.

(Edgard Navarro) Só que a macumba não deu certo. Eu botei o filme na tela e caía em depressão aos poucos, fui caindo, caindo, e caí em depressão profunda alguns meses depois. Fumei um baseado pra saber qual era, e o recado foi esse: "A macumba não deu certo." Mas o fato foi que eu não me salvei. O Santeiro continua tendo mais um filme pra realizar, para não espalhar o rancor pelo mundo. Então, eu vejo que sou um condenado a errar, não é à toa que o Aasvero, o judeu errante tá presente ali, na hora que eu falo: "Eu tô conhecendo você." O peregrino, ele fala: "Você é Teodoro, o judeu errante. Eu tô lhe conhecendo."

(Trecho filme)

- Virgem Maria, não é visagem não.
- É o judeu errante, o carne e osso.

(Edgard Navarro) Eu me sinto encarnando esse Aasvero até a segunda ordem. Aí, a segunda ordem vem com esse acenar de uma alfafa que se chama Abaixo a Gravidade, e dizendo que agora eu tenho mais três anos ou quatro anos de vida para fazer esse filme, e poder chegar nas portas do paraíso, como chegou àquele Serafim. Serafim daquela guarânia bonita: "São três machos e uma fêmea, por sinal, Maria." Aí no final ele diz assim: "Serafim depois que viu o filho Lobisomem, perdeu o juízo, e morreu sete vezes até abrir caminho pro paraíso."

Fim.